

Heráclito, Parmênides e Jesus. Ser e/ou Não-ser?

Rogério de Paula e Silva. Disciplinas isoladas - Filosofia. 1º período - Teologia

Costuma-se estabelecer, já no começo da história da filosofia, uma grande oposição que dominaria todo seu desenvolvimento futuro: a oposição entre “ser” [de Parmênides] e “vir-a-ser” [de Heráclito]. Apesar dessa grande divergência, podem-se considerar estes dois filósofos como inauguradores da metafísica.

Segundo Erler & Graeser (2005), parece que o primeiro que colocou a questão do sentido de “ser” de forma tão marcante foi Parmênides, de Eléia (515-540 a.C.). Para Ratzinger (2007), este filósofo foi o primeiro que falou sobre o *Lógos* do “ser”. De acordo com Nicola (2005), ele recebe de forma metafórica a doutrina do “ser” da boca da deusa Necessidade. Este prestígio é justo, pois foi Parmênides o primeiro a sustentar a superioridade da interpretação racional do mundo e a negar a veracidade da percepção sensível: ver, ouvir, escutar, não produz certezas, somente crenças e opiniões. Erra quem, como Heráclito, de Éfeso (540-480 a.C.), deixa-se enganar pelos sentidos e considera a realidade em devir, pois a transformação – uma passagem do “ser” a um “não ser” – não é em si pensável. Ocorre então uma dicotomia entre o sensível e o inteligível. Para Parmênides existem dois caminhos: *doxa* e *aletheia*. Assim, este filósofo valoriza a razão e despreza o empirismo, pois com as informações dos sentidos não se chega à verdade (*aletheia*), permanecendo no nível das opiniões (*doxa*). Já Heráclito vê importância na sensibilidade no que se refere à *harmonia*.

Segundo Parmênides o não ser não é jamais pensável, “pois a mesma coisa é pensar e ser”. Com isso, ele teria decretado: só o que pode ser pensado existe realmente, e só o que realmente existe pode ser pensado. (Erler & Graeser, 2005).

“Ser” é o termo fundamental do pensamento filosófico. A sua ambiguidade nasce do fato de poder ser usado em dois modos distintos: como cópula, ou seja, como forma verbal ligada a um sujeito (*Sócrates é...*) – ou, então, em absoluto, tornando-se ele mesmo sujeito: o “Ser” (que por sua vez *é* ou *não é*). Tanto a ontologia como a metafísica definem o estudo do “ser” em geral. A metafísica estuda o “ser enquanto ser”. As posições podem ser diferentes, porque, como Parmênides, pode-se colocar a hipótese da unicidade do “ser” (*monismo*), a sua duplicidade (*dualismo* de ideia- realidade para Platão, mente-corpo para Descartes) ou, ainda, o *pluralismo metafísico* proposto por Aristóteles (Nicola, 2005).

Segundo Nicola (2005), a revelação recebida por Parmênides consiste na doutrina do “ser”, sintetizada na célebre fórmula o “ser é”, o “não ser não é”. Toda a argumentação baseia-se na redução da ontologia à lingüística e, assim, a procura da realidade última do mundo coincide com a análise lingüística do verbo “ser”. E enquanto aquilo-que-é pode ser dito – portanto pensado -, aquilo-que-não-é afasta-se, por definição, de qualquer formulação lingüística e intelectual. É impossível pensar o nada. No cotidiano, usamos o verbo “ser” de modo impróprio e acabamos por atribuir realidade a condições de ausência, a coisas que não existem: a escuridão e o silêncio, por exemplo, são condições de não-ser da luz e do som, portanto, pela lógica, não existem.

No pensamento parmenídico, segundo Kirk *et al* (2008), o que torna alguma coisa real é seguramente o fato de ela ocupar espaço.

Segundo De Souza (1973), na visão de Parmênides existem dois caminhos a se pensar: O primeiro é o caminho do “ser”, que “é”, e que não é “não ser”. Este é o verdadeiro caminho, que possui a Persuasão, pois à verdade acompanha. O segundo caminho é o “não ser”, mas não se pode conhecer o que não é, porque tal não é factível, exeqüível, nem se pode expressá-lo .

Kirk *et al* (2008) diz que “o objeto da investigação existe ou não existe, e o único caminho da investigação que importa pensar é o UM, [aquilo] que é e que [lhe] é impossível não ser, é a via de Persuasão (por ser companheira da Verdade)”

Weischedel (2006) diz que “Tudo é UM. Com isso, Heráclito coloca-se espantosamente próximo de Parmênides”. Para este filósofo, na própria origem da palavra filosofia está contida a ideia do UM.

A palavra grega *philosophia* remonta à palavra *philosophos*, a qual foi criada pelo próprio Heráclito. É composta por *philein* e *sophon*. *Philein* significa aquele que ama, mas aqui, no sentido de Heráclito é *homologeín*, falar assim como o *Lógos* fala, quer dizer, corresponder ao *Lógos*. Este corresponder está em acordo com o *sophón*. Acordo é *harmonia*, que significa mistura de opostos, a recíproca integração de dois seres, nos laços que os unem originariamente numa disponibilidade de um para com o outro. De acordo com isto, *sophón* significa: *Hèn Pánta* “Um é Tudo”. Tudo quer dizer aqui: o todo do ente. *Hén*, o Um, designa: o que é um, o único, o que tudo une. Unido é, entretanto, todo o ente no “ser”. O *sophón* significa: todo ente é no “ser”. Dito mais precisamente: o “ser” é o ente. Nesta locução o “é” traz uma carga transitiva e designa algo assim como “recolhe”. O “ser” recolhe o ente pelo fato de que é o ente. O “ser” é o recolhimento – *Lógos*. Todo ente é no “ser” (Heidegger, 2006).

Contudo, de acordo com Weischedel (2006), “a diferença entre Parmênides e Heráclito permanece. Pois mesmo quando Heráclito visa a unidade, não relega a multiplicidade a aparências inessenciais, como faz seu grande contemporâneo. O ‘ser’ não poderia estar submetido ao ‘devir’. De tudo vem o UM e do UM, tudo, que se torna visível em toda transformação”

“Nem a força da persuasão consentirá que, junto do que é, algo possa surgir alguma vez do que não é”. Com esta afirmação, Parmênides entra em conflito com Heráclito na questão do “devir”, que significa “vir a ser”, “transformar-se”. Para Parmênides o “ser” não muda e não tem no que mudar, porque, se mudasse, deixaria de ser o que é, tornando-se oposto a si mesmo, o não-ser. De sua noção de unidade, ele nega a multiplicidade, o movimento e a mudança: “O ‘ser’ é, o “não-ser” não é”. Assim, multiplicidade, mudança, nascimento e perecimento seriam aparências, ilusões dos sentidos.

Para Heráclito, os contrários se transformam continuamente uns nos outros, e o mundo inteiro é um único ciclo de transformações. “O frio aquece-se, quente esfria-se; o úmido seca-se, o árido umedece-se.” E em sua formulação profunda: “os imortais são mortais; os mortais, imortais; vivem reciprocamente sua morte e morrem reciprocamente sua vida.” (Weischedel, 2006).

Parmênides não usava a palavra Deus, pois como Heráclito, ele não acreditava em uma força divina externa à natureza. Pelo contrário, admitia nas próprias coisas do mundo uma autocriação. Porém, segundo o pensamento parmenídico até mesmo a cosmologia seria impossível, pois ele afirmava que o pensamento verdadeiro exige a identidade, a não-transformação e a não-contradição. Considerando a mudança de uma coisa em outra como o “não-ser”, ele afirmava que o “ser” não muda e não tem no que mudar, porque, se mudasse, deixaria de ser o que é, tornando-se oposto a si mesmo, o não-ser. Conseqüentemente, mostrou que o ser é uno e único e que o pensamento verdadeiro não admite a multiplicidade ou pluralidade, não admitindo, portanto a cosmologia. Impossível também uma cosmologia nas idéias parmenídicas, porque só o ser é; o cosmos não é. Impossível enfim, porque não há movimento possível. Ao abandonar as idéias de multiplicidade, de mudança, de nascimento, de vir-a-ser e perecimento, sua filosofia deu uma virada radical passando da cosmologia à ontologia.

Tales de Mileto, considerado como o primeiro dos filósofos gregos, fez a transição da mitologia grega à razão. Ele via a presença de uma força criadora externa, fora da *physis*, ou seja, existe um Deus.

Somente Deus não pode ser criado. É desta forma que o cristianismo interpreta o pensamento de Parmênides que diz: “o ‘Ser’ (neste caso, o absoluto, a divindade) não pode ser criado, surgido”. Agora, todas as outras coisas do mundo (os seres, a natureza) foram criações de uma inteligência racional superior:

No princípio Deus CRIOU o céu e a terra (Gn 1, 1)

Segundo Joseph Ratzinger (2007), o atual papa Bento XVI, a verdadeira palavra (*Lógos*), é Jesus Cristo, o Verbo (*Verbum*) encarnado, segundo a doutrina católica, gerado e não criado no seio da Virgem Maria, e que Ele (Jesus) é UM com Deus e o Espírito Santo, formando a Santíssima Trindade.

Para Erler & GRAESER (2005), citando Parmênides, o “Ser” é UM e contínuo, absoluto, não criado, sem passado, nem futuro, onde se caracteriza o princípio (“arché”) como ilimitado (“apeíron”). Mesmo sem acreditar em uma força externa criadora, excetuando a questão da imobilidade, esta é a visão de Deus das religiões monoteístas: judaísmo, islamismo e cristianismo:

Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem”, o Todo-poderoso (Apocalipse 1,8).

De acordo com o pregador do Vaticano, Raniero Cantalamessa (1996), Deus *é* e o homem *não é*; Deus *é* tudo e o homem, sem Deus, *é* nada.

No capítulo 18 do Evangelho de João, no momento do aprisionamento de Jesus, o evangelista comunica este diálogo: “*Quem é que vocês estão procurando? Eles responderam: ‘Jesus de Nazaré’. Jesus disse: ‘SOU EU’*”. (v.4b-6a). (Encontramos traduzido: “SOU EU”, mas no original grego trata-se sempre da mesma expressão “*Egô eimi*”, “EU SOU”.) “Assim que disse: ‘EU SOU!’, recuaram e caíram por terra”. Bastaram aquelas duas palavras, “EU SOU”, para fazer recuar e tombar os inimigos: poder fulgurante do SER divino, por um instante apenas, Ele ficou livre para manifestar-se! (Cantalamessa, 1996).

“Deus disse a Moisés: ‘Eu sou aquele que sou.’ E continuou: ‘Você falará assim aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou até vocês’” (Ex 3, 14).

Cantalamessa (1996) citando o Evangelho afirma: “*No começo a Palavra [o Verbo] já existia*” (Jo 1, 1); de fato Jesus diz uma vez: “*Antes que Abraão existisse, Eu Sou*” (8,58).

Jesus de Nazaré, portanto, revela quem Ele é, na verdade, somente na cruz. Mas como é possível isso? Na cruz Jesus é “aquele que não é”, “um verme e não um homem”, “um diante do qual se vela o rosto...” Mas exatamente nisso está o mistério. O “ser” de Jesus, como Deus-filho se funda todo no Seu “não ser” e não fazer nada sozinho, na Sua total e absoluta dependência do Pai: “Saberão que Eu Sou e que não faço nada por mim mesmo, pois falo apenas aquilo que o Pai me ensinou” (Jo 8, 28). Jesus é o “Eu Sou”, porque é o obediente. Já que, diz Paulo, se “esvaziou” e se fez obediente até a morte e morte de cruz, Deus O exaltou e Lhe deu o nome (Fl 2,6). Qual nome? Não somente o nome Jesus, mas algo mais: o nome de Senhor. *Kýrios, Adonai*; algo mais, o nome que não se pode pronunciar: *Iahweh*, Aquele que é! (Cantalamessa, 1996).

Jesus se tornou o “Eu Sou” passando pelo despojamento de Si, a obediência mais total. Para que Jesus “seja” nos homens, é necessário que eles “não sejam”. Para que Jesus seja para nós o “Eu Sou”, nós temos que diminuir e Ele crescer, como dizia o Batista. Eu tenho que chegar a poder dizer como Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). Portanto, é necessária a transformação, o “devir” de Heráclito em um novo homem.

Esta ideia de unidade com Deus-Pai, que Jesus deseja que aconteça com todos nós, para que possamos ser junto com Ele UM também poderia ter sido proposta por Johann Gottlieb Fichte, um filósofo alemão do século XVIII, mesmo sem em nenhum momento ter citado o nome de Jesus. É que ele, através de sua filosofia do sujeito, citou a unidade do ente no “ser”. Segundo Fichte, o “eu absoluto”, se realizaria e se tornaria pleno somente na união de sujeito e objeto. Sobre isto também está de acordo Heráclito ao descrever a “Unidade do Ser”, referindo ao significado da palavra *philosophos*, já explicado anteriormente.

Segundo Parmênides existe uma via (ou estrada) principal de pensamento, por onde se começa e se volta novamente depois. Até se poderia associar esta reflexão ao pensamento circular de Heráclito, onde princípio e fim são comuns, porém segundo Kirk *et al* (2008), Parmênides não quer necessariamente significar neste ponto que o seu próprio pensamento seja circular.

Heráclito afirmou que “o caminho a subir e a descer é um e o mesmo.” Poderíamos imaginar este caminho como uma *anagoria* simbolizada por uma escada, um sair de si que se dirige de forma ascendente, aos céus, na direção de Deus, para depois se retornar ao próprio intelecto. Caminhando nesta escada, paulatinamente, de degrau em degrau, chega-se à Verdade. Em contrapartida, o pensamento em círculos de Heráclito só faz o homem ir e chegar ao mesmo ponto, ou seja, em si mesmo, na própria

razão humana, sem sair do lugar, sem subir a escada para fazer a mente se direcionar para o divino. Assim também pensou Kant, que ao separar sujeito de objeto, fundou uma filosofia transcendental onde a razão humana se torna absoluta.

Tanto Parmênides quanto Heráclito falam de um “caminho”. Para Heidegger citando Parmênides (2006) a filosofia deve seguir descobrir o “ser” do ente, ou seja, buscar o caminho de Deus.

No cristianismo também existe busca por estar no “caminho”. Os discípulos de Jesus eram, no princípio, conhecidos como os seguidores do “caminho”. O próprio Cristo se identificou como o Caminho, a Verdade e a Vida (Cf. Jo 14, 6).

Segundo Heráclito, os opostos fazem parte da mesma coisa, e são interpretados como mudanças de contrários, pois “o caminho a subir e a descer é um e o mesmo.” Kirk *et al* (2008) afirmam que “no fr. 126 de Heráclito, a substância quente e a fria formam o que se chama de contínuo quente-frio, uma entidade única. Assim, também, fr. 57: a noite e o dia de que Hesíodo fizera mãe e filho, estão, e devem ter estado sempre, essencialmente *ligados e interdependentes*”.

E como uma mesma coisa, existem em nós a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice; pois estas coisas, quando mudam, são aquelas, e aquelas, quando mudam, são estas. (Heraclito *apud* KIRK *et al*, 2008).

O deus não pode ser aqui essencialmente diferente do Logos; e o Logos, entre outras coisas, o constituinte das coisas que as torna contrárias, e que garante que a mudança entre os contrários seja, a todos os títulos, proporcional e equilibrada (*idem*).

Segundo KIRK *et al* (2008), a estabilidade entre estas “forças” opostas é também um argumento importante colocado por Heráclito, pois se o equilíbrio entre os contrários não fosse mantido, por exemplo, se o calor começasse a prevalecer perigosamente sobre o frio, ou a noite sobre o dia, então a unidade e coerência do mundo cessariam, tal como, se a tensão na corda do arco exceder a tensão dos braços, todo o complexo é destruído.

A discórdia ou guerra é a metáfora favorita de Heráclito para o domínio da mudança no mundo. Está obviamente relacionada com a reação entre contrários. Heráclito mostra que, se a discórdia – isto é, a ação e, reação entre substâncias contrárias – viesse a cessar, então o vencedor de cada competição entre extremos estabelecerá um domínio permanente, e o mundo como tal seria destruído. (Kirk *et al* (2008).

Weischedel (2006) enxerga em Parmênides e Heráclito gêmeos espirituais, pois a ambos importa o verdadeiro “ser”, o UM e o todo. Contudo, permanece um resíduo de contrariedade. Uma dessas divergências, segundo este autor, está na diferença ou semelhança entre os opostos. Heráclito diz que a *Physis* (natureza) ama ocultar-se, porque “a *harmonia* invisível é mais forte que a visível” e “O repulsivo concilia-se, e do diverso surge a mais bela harmonia”. “A água do mar é a mais pura e a mais suja. É potável e salutar para os peixes, intragável e nociva para os homens.” Sobretudo o rio torna-se símbolo dessa contrariedade corrente. “Aquele que entra no mesmo rio afluí sempre outra água”; “no mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos.” Assim também o homem é dicotômico e em si contraditório. E então Heráclito expressa esta contrariedade interior a todo real no lema da guerra.

Realmente a guerra é o oposto da paz, e é bem possível que o mundo que vivemos seria destruído, ou seja, não existiria, se não houvesse mais guerras. Porque se assim fosse viveríamos em um paraíso, onde só existiria paz. E a terra está longe de ser um lugar de plena paz. Moramos em uma realidade contaminada pelo mal, cuja principal meio de manifestação é a discórdia entre os homens, a guerra. É triste pensar na possibilidade de admitir que em nosso mundo seja necessária a existência de conflitos para haver “equilíbrio”, “harmonia”. Chega-se até mesmo a pensar que o mal seria obra de Deus, e que a guerra seria do Seu desejo. Sonhamos com um mundo de paz, uma utopia para a sociedade humana. Somente com uma grande transformação universal, o “devir” de um novo mundo, que se cumprirá com a Jerusalém Celestial, profetizada na bíblia, a guerra deixará de existir, e haverá a verdadeira harmonia entre todos nós. E apenas assim, livres do mal do mundo, acontecerá o desejo de Jesus, que antes de ser preso, orou pelos discípulos e por todos aqueles que acreditariam nele no futuro, a fim de que todos sejam UM:

Pai santo guarda-os em teu nome que me deste, para que sejamos UM como nós (Jo 17, 11).

Eu lhes dei Tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como Eu não sou do mundo. Não peço que os tire do mundo, mas que os guarde do MALIGNO. Eles não são do mundo como Eu não sou do mundo (Jo 17, 14-15).

Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam UM (Jo 17, 20-21).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus Editora, 4ª. impressão, 2006.

CANTALAMESSA, R. **A poderosa unção do Espírito Santo**. Campinas: Raboni Editora, 1996.

DE SOUZA, J.C. **Os Pensadores**. 1ª.ed., São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ERLER, M.; GRAESER, A. **Filósofos da antiguidade**. Dos primórdios ao período clássico. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

HEIDEGGER, M. **Que é isto – a filosofia?** Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2006.

NICOLA, U. **Antologia ilustrada de filosofia**. Das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005.

RATZINGER, J. **Fé, verdade e tolerância**. O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2007.

WEISCHEDEL, W. *A escada dos fundos da filosofia*. A vida cotidiana e o pensamento de 34 grandes filósofos. 5ª.ed. São Paulo: Angra, 2006.